

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BRENDA LUANA FRANCISCO CASTRO

**CLUBE DA LUTA E O AMERICAN WAY OF LIFE: ALGUMAS DAS
CONSEQUÊNCIAS DA SOCIEDADE DE CONSUMO CONTEMPORÂNEA**

Uberlândia

2024

BRENDA LUANA FRANCISCO CASTRO

**CLUBE DA LUTA E O AMERICAN WAY OF LIFE: ALGUMAS DAS
CONSEQUÊNCIAS DA SOCIEDADE DE CONSUMO CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Economia e Relações Internacio-
nais como parte dos requisitos para obtenção do
título de Bacharel em Relações Internacionais
pela Universidade Federal de Uberlândia, sob
orientação do Professor Erwin Pádua Xavier.

BRENDA LUANA FRANCISCO CASTRO

**CLUBE DA LUTA E O AMERICAN WAY OF LIFE: ALGUMAS DAS
CONSEQUÊNCIAS DA SOCIEDADE DE CONSUMO CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Economia e Relações Internacio-
nais como parte dos requisitos para obtenção do
título de Bacharel em Relações Internacionais
pela Universidade Federal de Uberlândia, sob
orientação do Professor Erwin Pádua Xavier.

Uberlândia, 22 de abril de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Erwin Pádua Xavier
Instituto de Economia e RI (IERI/UFU)

Prof. Dr. Áureo de Toledo Gomes
Instituto de Economia e Relações Internacionais (IERI/UFU)

Prof. Dr. Edson José Neves Júnior
Instituto de Economia e Relações Internacionais (IERI/UFU)

Dedico este trabalho a todos os amantes do cinema que tem o prazer em assistir ao mesmo filme repetidamente, descobrindo novos detalhes e nuances a cada sessão.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me dar forças nos meus dias mais tristes, por me mostrar que a vida é bela e precisamos aproveitá-la. E principalmente, por me prover saúde para conquistar tudo que anseio durante minha jornada.

À Universidade Federal de Uberlândia, pela oportunidade de aprendizado e de formação. Ao orientador Erwin Pádua Xavier por ter aceitado e apoiado a ideia proposta, pelo apoio, pelas correções, incentivos e pela paciência.

À minha mãe por ser a minha melhor amiga e minha companheira de vida. Agradeço infinitamente por todo seu apoio, carinho, atenção, paciência e cumplicidade, sem você eu não teria me tornado a mulher que me tornei. Apesar de ser uma mãe tão jovem, você desempenha o seu papel materno com maestria. Você é a melhor mãe que eu poderia ter, e é com imenso amor e gratidão que te dedico meu diploma.

Ao meu marido, que tem sido meu parceiro nessa jornada de TCC desde que éramos apenas namorados. Agradeço por ser essa pessoa incrível e cuidadosa, que acreditou em mim e me motivou a não desistir do curso. Obrigada pelo companheirismo, amor e por aceitar assistir os mesmos filmes várias e várias vezes comigo.

Aos meus amigos Mariana Fernandes, Izabella de Godoi e Luiz Henrique pela amizade que se iniciou no curso de Relações Internacionais e espero que essa perdure para além de nossas jornadas acadêmicas.

A minha *cão*panheira Kiwi Abacaxi por me alegrar nos dias tristes e tornar os dias felizes ainda melhores.

This is your life and it's ending one minute at a time.

Fight Club, 1999

RESUMO

O uso do cinema como objeto de estudo no campo das Relações Internacionais vem crescendo cada vez mais. Dito isso, é perceptível que os filmes nos ajudam a analisar e compreender diversos eventos históricos, políticos e culturais que algumas vezes se apresentam aparentemente distantes da nossa própria realidade imediada. A obra cinematográfica Clube da Luta é um exemplo de obra que aborda críticas políticas e sociais sobre a sociedade consumista, influenciada por um modelo econômico social e cultural implantado pelos Estados Unidos na década de 1920. O filme aborda toda a jornada de um cidadão americano comum que busca entender seu papel dentro de uma sociedade movida pelo consumo. Com isso, esta pesquisa objetiva analisar como a obra Clube da Luta serve de base para uma análise crítica do *American Way Of Life* e sua extensão pelo mundo após a segunda guerra na forma da sociedade de consumo contemporânea, salientando, particularmente, as consequências psicológicas e comportamentais, individuais e grupais, dessa estrutura econômica, social e cultural.

Palavras-chave: Cinema; Relações Internacionais; *American Way of Life*; Sociedade de consumo; Clube da Luta (1999).

ABSTRACT

The use of cinema as a subject of study in the field of International Relations has been growing increasingly. That being said, it is noticeable that films help us analyze and understand various historical, political and cultural events that sometimes seem distant from our own immediate reality. The movie "Fight Club" is an example of a work that addresses political and social criticisms about consumerist society, influenced by an economic, social and cultural model implemented by the United States in the 1920s. The movie depicts the journey of an average American citizen seeking to understand his role within a consumption-driven society. Therefore, this research aims to analyze how the film "Fight Club" serves as a basis for a critical analysis of the American Way Of Life and its extension worldwide after the Second World War in the form of contemporary consumer society, particularly emphasizing the psychological and behavioral consequences, both individual and group, of this economic, social and cultural structure.

Keywords: Cinema; International Relations; American Way of Life; Consumer Society; Fight Club (1999).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Outdoor veiculado nos EUA em 1937.	27
Figura 2 – Astronautas levantando a bandeira americana à lua	29
Figura 3 – Monges comendo hambúrguer	29
Figura 4 – Caixas de pizzas com o emblema da bandeira americana	30
Figura 5 – Alegoria ao símbolo americano Tio Sam	30
Figura 6 – A prosperidade material da família norte-americana	32
Figura 7 – Diálogo entre narrador e Tyler Durden	39
Figura 8 – Casa de Tyler Durden	41
Figura 9 – Discurso de Tyler Durden	44
Figura 10 – Explosão dos prédios corporativos	47

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	O CINEMA COMO OBJETO DE ESTUDO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	14
2.1.	Estética e Política	14
2.2.	Cinema e as Relações Internacionais	16
3.	A CONSTRUÇÃO DO <i>AMERICAN WAY OF LIFE</i> NA SOCIEDADE NORTE-AMERICANA	24
3.1.	O <i>American Way of Life</i> no período entreguerras	24
3.2.	O modo de ser americano e o modo de viver americano	28
3.3.	A sociedade contemporânea e o American Way of Life	33
4.	CLUBE DA LUTA E O <i>AMERICAN WAY OF LIFE</i> NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	36
4.1.	Clube da luta: algumas das consequências da sociedade de consumo contemporânea	47
4.2.	Clube da luta: o cinema como objeto de estudo das Relações Internacionais .	49
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6.	REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

Devido ao processo de globalização, a indústria cinematográfica se tornou uma forma de comunicação massiva, capaz de narrar e reproduzir eventos para os mais diversos tipos de telespectadores, causando, assim, as mais diversas comoções e, consequentemente, se tornou uma ferramenta com consequências políticas.

Dito isso, a sétima arte se encontra cada vez mais presente no campo de estudo das Relações Internacionais (RI), pois, o uso de obras cinematográficas como documentários históricos e filmes de ficção que abordam temas políticos, culturais e históricos, contribuem para análise e compreensão de diversos conteúdos abordados ao longo do curso. Porém, é importante salientar que o uso de obras cinematográficas como objeto de estudo não devem ser resumidos apenas em eventos de embasamento políticos ou culturais, uma vez que, toda mídia cinematográfica traz consigo algum evento ou mensagem importante através do contexto histórico e cultural que ela foi produzida.

Dessa maneira, esse trabalho irá utilizar a obra cinematográfica *Clube da luta* (1999), como objeto de estudo; seu propósito é retratar uma análise crítica de um conceito histórico traçado pelos Estados Unidos no início dos anos de 1920, conhecido como *American Way of Life*, sendo esse, um processo social, econômico e cultural que permanece enraizado na sociedade internacional atual, e, que ocasiona em diversas consequências econômicas, sociais, ambientais e psicológicas à sociedade. Assunto de suma importância para o campo das Relações Internacionais.

Posto isso, é notório que a trama apresentada na obra citada se correlaciona com a sociedade de consumo contemporânea, a qual é impulsionada pelo processo de globalização e pelo rápido acesso a informações, as quais mantém o indivíduo cada vez mais propenso a alineação e a busca de um padrão de vida imposto pela sociedade, o qual, na maioria das vezes se torna inalcançável e insaciável.

A hipótese deste trabalho é que, os valores assumidos pelo *American Way of Life* se encontram estabelecidos na sociedade contemporânea, e com o avanço tecnológico, os meios de comunicação propagam as informações de forma mais rápida, causando uma alienação mesmo que involuntária, aos indivíduos, uma vez que essas estimulam a propagação do consumo de bens materiais e de serviços além de também, um padrão de vida a ser seguido. Com isso, o indivíduo se sente pressionado a buscar seu papel de relevância na sociedade, que é, na maioria

das vezes, definido pela posse de bens e por sua exposição e exibição na forma de consumo, nutrindo a falsa ilusão de que quanto mais se tem, mais feliz, completo e pertencente ao sistema se será. No entanto, esse sentimento é fugaz e o indivíduo acaba se tornando objeto e mercadoria do sistema, desencadeando diversos efeitos psicológicos e comportamentais dissociativos e conflitivos, afetando, por fim a própria coesão da sociedade.

O filme *Clube da luta* (1999) é uma obra crítica e complexa que aborda de forma direta e indireta as nuances especialmente psicológicos, individuais e grupais, da sociedade capitalista de consumo, que podem ser contextualizados e analisados tanto no contexto cinematográfico quanto no nosso próprio cotidiano.

Além disso, o aumento desenfreado do consumo ocasiona diversas consequências. A busca por felicidade momentânea ou preenchimento de vazios existenciais através da aquisição de bens materiais pode desencadear diversos problemas psicológicos, tais como depressão, transtornos dissociativos e de ansiedade, dentre outros. Ademais, pode levar ao endividamento, uma vez que o indivíduo passa a gastar mais do que ganha para suprir seus desejos que, na maioria das vezes, são impostos pela mídia como essenciais, seja para a sobrevivência, seja para alcançar uma "boa vida". Por fim, o aumento do consumo implica uma maior produção de bens para suprir essa demanda, o que, consequentemente, resulta em graves consequências ambientais, como poluição, desmatamento, escassez de recursos naturais dentre outros.

Sendo assim, o trabalho geral busca saber: Quais são, a partir do filme *Clube da luta* (1999), as principais consequências psicológicas, individuais e coletivas provocadas pelo *American Way of Life*, processo social, econômico e cultural, na sociedade contemporânea?

O objetivo geral do trabalho é realizar uma análise de como o filme *Clube da luta* (1999) identifica a dinâmica, retrata e problematiza a sociedade de consumo contemporânea a partir do processo social, econômico e cultural do *American Way of Life*, e quais são as consequências psicológicas individuais e coletivas da sociedade contemporânea. Os objetivos específicos seriam de: investigar a relação entre cinema e as Relações Internacionais, particularmente o uso de obras cinematográficas como objeto de estudo no campo das Relações Internacionais; analisar a origem e construção histórica do *American Way of Life* que emerge particularmente nos EUA, identificando como se alastra na sociedade internacional até os dias atuais; apresentar a obra cinematográfica de forma detalhada, apontando as críticas abordadas que identificam características do *American Way of Life* dentro da sociedade moderna, além de uma modalidade específica de consequências da sociedade de consumo contemporânea, qual seja, as consequências psicológicas e comportamentais dissociativas e conflitivas, individuais e grupais.

Diante disso, a justificativa deste trabalho busca evidenciar a relevância de um conceito histórico implantado pela grande potência dos Estados Unidos nos anos de 1920, no qual continua a exercer influência sobre a sociedade internacional nos dias atuais e como os indivíduos se comportam diante de tais efeitos dentro da sociedade contemporânea.

O método de abordagem utilizado para pesquisa será o Hipotético Dedutivo, que se baseia na ideia de que a hipótese apresentada acima, necessita-se da realização de testes empíricos, a fim de compreender se suas respostas condizem com a realidade. Sendo assim, a hipótese acima será testada através de leitura e análises de obras de autores que abordam o conceito de *American Way of Life* e a sociedade de consumo; especificamente nos séculos XX e XXI. Ademais, o método de procedimento a ser utilizado será o de estudo de caso qualitativo, empreendendo o estudo de caso de como a obra *Clube da luta* (1999) problematiza e facilita um tipo de análise crítica do *American Way of Life* e a sociedade de consumo contemporânea. Para realização de tais objetivos, haverá a coleta de dados por meio de análises bibliográficas, ou seja, leitura de livros, artigos históricos, análises e posicionamento de diversos autores para que a hipótese seja esclarecida.

Em relação à estrutura do trabalho, o primeiro capítulo substantivo aborda a arte e a política e como essas temáticas se entrelaçam, mesmo estando em campos diferentes de estudo. No mesmo capítulo, ocorrerá a abordagem de mídias cinematográficas como ferramenta de política, representação de eventos, dentre outros, e como o cinema é usado como ferramenta de estudo e pesquisa no campo de estudo das Relações Internacionais. No segundo capítulo, são abordados conceitos históricos a respeito do *American Way of Life* e suas origens no período entreguerras, além de discutir suas características e sua expansão na sociedade internacional contemporânea. No terceiro capítulo, é realizada uma análise crítica sobre o filme de forma aprofundada, na qual são apresentados e analisados pontos em comum entre a obra com a estrutura e consequências do *American Way of Life*, bem como indica algumas formas de utilização do filme em uma sala de aula de Relações Internacionais.

2. O CINEMA COMO OBJETO DE ESTUDO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

2.1. Estética e Política

O conceito de “estética” abrange diferentes perspectivas em diferentes âmbitos acadêmicos; este conceito pode ser explorado em sua forma prática fazendo jus a harmonia de cores e formas, como obras de arte, peças artísticas, filmes, dentre outros.

A estética foi introduzida dentro da filosofia durante o século XVIII e seu reconhecimento como nova disciplina ocorreu com fluidez; esse novo modo de filosofar consiste em analisar a representação das coisas e não as próprias coisas. No campo filosófico, a estética aborda principalmente o estudo das sensações, sentimentos e o entendimento da beleza do sensível como fenômeno artístico. O foco da estética não está no ponto de vista do artista, e nem na produção da arte, mas na sensação do belo que ela desperta em quem a observa (DRUCKER, 2009).

Devido às suas diversas perspectivas e abordagens, a estética se tornou um objeto de estudo filosófico, o qual conta com várias teorias e correntes de pensamentos. Filósofos como Baumgarten e Kant contribuíram com o cenário de estudo da estética. Baumgarten aborda a estética e o conhecimento do sensível como uma representação de um objeto que contém características únicas que o torna passível de distinções frente a outros objetos. Já Kant aborda o conceito de belas artes; a arte desperta representações não conceituais, em que a beleza de algum objeto só está presente no mesmo se esse despertar algum tipo de sentimento naquele que o vê (DRUCKER, 2009).

O uso da estética com viés político é abordado por Jacques Rancière. Em sua obra *A estética como Política* (2010), o autor discorre sobre o rompimento da utopia estética, ou seja, a crença de que a arte tem o poder de criar uma realidade ideal e transformar radicalmente uma sociedade, deixa de existir, pois passa a crer em uma visão mais realista sobre a arte e a sua capacidade de impactar as condições da existência coletiva. Sendo assim, passa a existir duas concepções advindas de um presente pós-utópico.

A primeira concepção é adotada por historiadores e filósofos, na qual se opta por separar a verdadeira essência usada na criação da arte, das influências de ideias idealistas ou utópicas. Acreditam que a arte pode se perder no momento em que é arquitetada para atingir objetivos políticos ou comerciais. Essa abordagem traz referências ao conceito kantiano, que se refere a

algo heterogêneo e irredutível ao senso comum, algo capaz de transcender a experiência humana (RANCIÈRE, 2010).

A segunda abordagem difere da ideia do sublime, pois aprofunda no conceito da arte e a forma de percepção sobre ela mesma. Ao referenciar Jean-François Lyotard, o autor enfatiza o pensamento de que existem formas de arte que não podem ser demonstradas ou comunicadas de forma direta, pois há elementos artísticos que vão além de representações linguísticas e visuais. Ou seja, a arte consiste em revelar algo que não pode ser completamente representado (RANCIÈRE, 2010). Mesmo que ambas abordagens apresentam perspectivas diferentes sobre a arte, não há uma que se sobressaia à outra, elas são colocadas na mesma distância.

Rancière (2010) discorre que o termo “arte” não deve ser utilizado como forma de unificação de todas as artes, mas como um mecanismo que as tornam visíveis. O autor cita o exemplo de uma pintura, no qual esta é apenas o nome de um dispositivo de exposição, uma forma de visualização da arte. Os instrumentos utilizados com o intuito de expressar diferentes formas de arte, como imagens, fotografias, espaços, música, cinema, literatura, dentre outros, e, que caminham na mesma direção a fim de disseminar a arte, são o que podemos chamar de “arte contemporânea”.

Quando se trata de arte e política, para o autor, ambas não são duas realidades separadas, mas sim duas formas de partilha do sensível, onde cada uma conta com sua forma específica de identificação. Ele afirma que através da arte é possível a construção de um espaço específico de forma inédita por meio da partilha do mundo comum criado pelas sensações e percepções que a arte produz, enquanto que a política não é tão-somente um exercício de poder ou busca por ele, mas diz respeito à (re)configuração de um espaço específico sempre produzido pela a partilha do sensível.

Sendo assim, a relação entre estética e política, para o autor, é o modo em que as formas práticas e de visibilidade da arte intervém na (re)configuração do universo sensível, ou seja, de como são feitos os recortes de espaço e tempo, de seus sujeitos e objetos de forma singular e única. Portanto, arte e política são duas esferas de experiências e ação distintas, mas que podem se comunicar, se cruzar e se fertilizar mutualmente (RANCIÈRE, 2010).

No entanto, a arte não é política devida às mensagens e sentimentos que ela transmite ao mundo e nem pela forma de representação de estruturas da sociedade. A arte é política pelo tipo de tempo e espaço que ela cria nos recortes que faz; a partir do momento em que há a passagem daquele que antes era apenas um espectador para o papel de ator ou participante de uma experiência ou realidade, há a reconfiguração de todo um espaço e ordem. Ele cita como

exemplo Aristóteles ao dizer que o homem é um ser político, pois ele possui o dom da palavra, que pode distinguir o justo do injusto, enquanto que o animal possui apenas o dom de emitir som para indicar prazer ou dor. Ou seja, no exercício da política, é necessário saber quem tem a palavra ou quem apenas emite som; com isso, alguns não são considerados seres políticos pelos seus discursos ou pela incapacidade material de ocupar tempo e espaço. Rancière complementa que nem sempre há política mesmo que haja algum exercício de poder, como também, nem sempre há política mesmo que haja a arte representada por meio da poesia, pintura, música, cinema etc (RANCIÈRE, 2010).

Contudo, como dito pelo autor, o estudo da arte como forma de expressão política pode ser transmitido por diversas formas de arte. O uso do teatro e da pintura, por exemplo, foram formas de arte que contribuíram para a representação de momentos históricos ou culturais ao espectador. Portanto, nos dias atuais, devido aos avanços tecnológicos, a forma de expressão da arte como instrumento político, cultural, histórico e ideológico se encontra também presente nas telas de TV e do cinema (RANCIÈRE, 2010).

É cada vez mais notável que, devido à globalização, a arte cinematográfica se tornou uma forma de representação e comunicação massiva capaz de narrar eventos e estórias para diversos tipos de grupos sociais e culturais, causando aos telespectadores as mais diversas comoções.

Assim sendo, o uso do cinema na sociedade contemporânea pode ser um grande aliado como ferramenta do estudo de diversos temas em Relações Internacionais (RI), visto que alguns dos conteúdos abordados durante o curso abrangem realidades distintas daquelas do nosso dia a dia. Assim, recorrer aos filmes torna-se uma forma de enriquecer o estudo abordado nas salas de aula (NEVES JÚNIOR; ZANELLA, 2016).

2.2. Cinema e as Relações Internacionais

Ao longo da história, o cinema se tornou uma das ferramentas mais poderosas de poder político, uma vez que a representação de eventos por meio de imagens pode despertar diferentes comportamentos no público. Situações e assuntos cotidianos, como valores intelectuais, políticos, moda, estilo de vida, tendências, entre outros, são intensamente encenados através das câmeras (SENGUL, 2005). As mensagens transmitidas são facilmente absorvidas e acolhidas pela sociedade de forma que transmitem um tipo de comportamento ou estilo de vida a ser seguido; “uma ideologia que transmite uma atitude com respeito a tudo, do trivial ao profundo, desde o que comemos no café da manhã até se devemos ir para guerra” (BISKIND, 2000 apud

SENGUL, 2005, p. 5).

A democratização do cinema fez com que esses tipos de mensagens atingissem a todas as classes sociais, visto que o uso de imagens é uma forma fácil de transmitir uma mensagem; ademais, o cinema passou a ser um passatempo prazeroso para a maioria das pessoas, o que ocasionou no aumento do seu consumo (SENGUL, 2005).

Ao falar sobre filme como ferramenta política, Michael Genovese discorre sobre três critérios para que o mesmo seja considerado filme político; se o objetivo do filme é ser um meio de comunicação para propaganda internacional; se há intenção de mudança política através do filme; e se o filme é delineado para apoiar um sistema econômico, político e social existente (GIGLIO, 2000, p. 23 apud SENGUL, 2005, p. 6).

O autor Douglas Kellner, em seu livro *Cinema Wars: Hollywood Film and Politics in the Bush-Cheney Era* (2009), afirma que os filmes podem auxiliar na interpretação de uma história social e política de uma determinada época. As obras podem ser focadas tanto em aparências externas com aspectos mais superficiais, quanto em críticas mais profundas a um determinado assunto, que é o caso dos filmes contemporâneos. Ele afirma que o cinema oferece a oportunidade de perceber coisas que não foram vistas e nem presenciadas a fim de ampliar a experiência do espectador (KELLNER, 2010).

Para o autor, os filmes trazem consigo alegorias que retratam indiretamente aspectos de uma época; filmes que representam a realidade de eventos e fenômenos de uma era, marcados pelas convenções como realismo cinematográfico, são os documentários críticos e filmes como dramas históricos, pois retratam temáticas políticas de eventos históricos como, por exemplo, guerras ou até mesmo o atentado de 11 de setembro, o assassinato de Kennedy dentre outros. Além disso, os filmes podem também fornecer versões artísticas do mundo que ultrapassam o contexto social presente e argumentar possíveis visões futuras, sendo estas positivas ou negativas (KELLNER, 2010).

Kellner cita os filmes *Amityville Horror* e a trilogia *Poltergeist* como exemplo, pois os mesmos caracterizam o medo das famílias de classe média dos Estados Unidos de perderem suas casas ou terem suas famílias desfeitas devido a grande onda de divórcios e a crise hipotecária, em meados dos anos 1980 (KELLNER, 2010).

Várias podem ser as alegorias apresentadas em diversas obras cinematográficas que, quando devidamente interpretadas e contextualizadas, são capazes de oferecer *insights* sobre eventos, eras e pessoas ou aqueles que os acompanham (KELLNER, 2010).

Contudo, diversas são as obras cinematográficas fictícias que são utilizadas como repre-

sentação política ou crítica social. O filme *O Poço* (2020), do diretor Galder Gaztelu-Urrutia, é um exemplo da atualidade que faz críticas aos sistemas políticos.

O filme retrata uma prisão onde há um sistema vertical de poder apresentado por uma laje suspensa, a qual contém comida. A laje desce gradualmente os níveis dessa prisão disponibilizando alimento aos presos de cada nível. Aqueles que estão em níveis mais baixos se alimentam das sobras daqueles dos níveis mais altos, até que não haja mais comida. Todo mês os prisioneiros acordam em níveis diferentes, pois, assim como nós, não escolhemos em qual classe social nascemos. O filme faz uma reflexão sobre a própria empatia social de como é difícil ser bom em qualquer nível da sociedade quando algo que temos está sendo ameaçado (BRASIL, 2020).

O protagonista, que apresenta características idealistas, busca acabar com a desigualdade dos níveis descendo os níveis junto com a plataforma que transporta a comida e ameaça a todos para que comam somente o necessário, a fim de que todos os níveis consigam se alimentar. Ou seja, busca dividir de forma igualitária os recursos concedidos a eles, porém, essa ideologia socialista não funciona, uma vez que, dividir bens sem que todos colaborem é passível de provocar uma guerra (BRASIL, 2020).

No entanto, o filme também retrata a face do capitalismo como sendo o nível mais alto do poço, representado pelos países de Primeiro Mundo que ignoram a realidade dentro do poço, pois como os países de Primeiro Mundo que desenvolvem a sua própria economia, o nível mais alto do poço é quem prepara toda comida e a insere dentro do poço. Ao chegar ao nível mais baixo do poço, o protagonista se depara com uma criança que se encontra dependente de todo o sistema que está acima dela, e percebe que ela é a possível solução para findar o sistema contra o qual ele luta (BRASIL, 2020).

O filme conta com diversas interpretações e abre margens para vários *insights* como, por exemplo, de que não é possível uma pessoa conseguir mudar um sistema todo e que idealizar que isso aconteça é ingênuo, pois, no final, todos acabam tomados pelo sistema e a única esperança é que as gerações futuras não sejam corrompidas e que sejam capazes de transformar o sistema (BRASIL, 2020).

Ademais, o cinema pode ser usado como instrumento ou ferramenta de aprendizado dentro ou fora das salas de aula no campo das Relações Internacionais. Vários são os autores que discorrem sobre o assunto, como, por exemplo, Edson José Neves Júnior e Cristine Koehler Zanella. Ambos são dois autores brasileiros que transformaram a temática do uso do cinema nas Relações Internacionais nas obras literárias *As Relações Internacionais e o Cinema*

dividida em três volumes: *As Relações Internacionais e o Cinema: Espaço e atores transnacionais Vol.1* (2015); *As Relações Internacionais e o Cinema: Estado e Conflitos Internacionais Vol.2* (2016) e *As Relações Internacionais e o Cinema: Organizações Internacionais e Governança Global Vol.3* (2021). As obras contam com a colaboração de diversos autores de várias instituições do país, que juntos abordam diferentes teorias e métodos de análise fílmica (NEVES JUNIOR; ZANELLA, 2016).

A obra *As Relações Internacionais e o Cinema: Estado e Conflitos Internacionais Vol.2* (2016) conta com a colaboração do autor e professor Eiiti Sato que discorre um pouco sobre o *Cinema, Literatura e Política*. Ele aborda que as grandes questões a respeito da política internacional não ocorrem de forma linear, ou seja, as formações de alianças, jogos de interesses e até mesmo desencadeamento de conflitos são motivados por fatores muito além da economia ou da própria política. Embora esses sejam os fatores primordiais apontados pelos analistas como definitivos, há vários casos em que a análise teórica ou os dados estatísticos não se fazem suficientes para compreender o assunto em questão (SATO, 2016, p. 15-30).

Sato apresenta que por mais que as teorias busquem identificar de forma lógica se orientando aos fatos e extraíndo de forma geral os processos envolvidos e as consequências geradas de um determinado assunto, as artes percorrem um caminho inverso, apontando a individualidade única dos acontecimentos e de seus personagens. O autor conclui que o cinema em especial ajuda na compreensão da esfera individual e de eventos, e é capaz de apresentar a dimensão humana frente aos fenômenos internacionais. O filme consegue duplicar o comportamento dos personagens expressando de maneira imponente a vida das pessoas reais e seus sentimentos (SATO, 2016, p. 15-30).

Partindo desse pressuposto, o artigo *O cinema e a extensão em Relações Internacionais: Métodos, trajetórias e resultados* (2016), os autores Edson José Neves Júnior e Cristine Koehler Zanella abordam o cinema como ferramenta política, no qual se faz referência à estética artística, das obras cinematográficas identificando qual o público alvo a que a mesma se dirige.

A sétima arte tem, pelo seu próprio estatuto artístico, a potencialidade de representar as manifestações humanas em circunstâncias variadas. Por incluírem imagens em movimento, sincronizadas, sonorizadas e editadas em uma narrativa coerente, e por terem como protagonistas exemplares humanos, os filmes apelam à identificação com um público cada vez maior e irrestrito quanto à classe social ou ao conhecimento artístico prévio (MORIN, 1997 apud NEVES JUNIOR; ZANELLA, 2016, p. 30).

Como citado anteriormente pelo autor Sengul (2005) que a democratização do cinema atingiu todas as classes sociais, os autores Edson e Cristine complementam que essa aproxima-

ção fez com que o cinema atingisse relevância política, uma vez que, marcado pelas primeiras décadas do século XX até a Segunda Guerra Mundial, os americanos e europeus usaram de grandes estúdios de cinema para alcance as massas, como a Disney e a indústria Hollywoodiana, para a construção de valores morais, estratégia para propagação de interesses e forma de reforçar para a opinião pública quais os países que se encontravam alinhados aos interesses tanto americanos quanto europeus (NEVES JUNIOR; ZANELLA, 2016).

Além disso, os autores afirmam que há ao menos três diferentes recursos metodológicos para a análise de filmes. O primeiro se baseia na análise-texto, na qual são desconsiderados qualquer elemento externo do filme e o foco é somente a história contada. Nesse recurso, o próprio roteiro se torna objeto de estudo, por meio do qual é possível examinar o posicionamento da obra sobre determinado tema e assim realizar críticas a partir disso. Tal metodologia permite um estudo mais minucioso do texto e do discurso desenvolvido, o que proporciona, assim, se relacionar com teorias das RI. Porém, a problemática de tal metodologia é a negligência relacionada a fatores de produção da obra e a sua estética (NEVES JUNIOR; ZANELLA, 2016).

O segundo recurso é o método externo-estético, que promove o uso de informações externas ao filme, como o perfil dos diretores e atores, orçamento, propensões políticas do estúdio daqueles que o dirigem, fonte de patrocínios, dentre outros. Essa metodologia considera também todos os efeitos visuais, elementos artísticos, efeitos especiais, enquadramento, luzes etc. Assim, nesse recurso, é fundamental a habilidade de conciliar diversas informações que nem sempre estão evidentes no filme, mas que permita uma análise que lucide os conceitos e teorias das Relações Internacionais (NEVES JUNIOR; ZANELLA, 2016).

O último recurso citado é o de comparação da produção da obra de uma época e sua contextualização temática. A metodologia desse recurso se dá através da escolha de um filme que simboliza uma determinada conjuntura, ou seja, apresenta um posicionamento em relação a um determinado tema. Assim, a análise ocorre a partir das demais obras lançadas no mesmo contexto histórico; e nesse recurso é substancial que seja realizado um recorte temporal preciso para que seja estudado e pautado com um momento histórico que está sendo analisado no momento do uso do filme (NEVES JUNIOR; ZANELLA, 2016).

Os autores Stefan Engert e Alexander Spencer (2009) também abordam em seu artigo *International Relations at the movies: Teaching and Learning about International Relations through film*, a existência de quatro formas distintas de uso do cinema como ferramenta de pesquisa nas Relações Internacionais.

A primeira abordagem é a mais usual e totalmente focada em eventos. Trata-se do uso de filmes de forma tradicional a fim de transmitir informações sobre assuntos específicos e períodos históricos. Nesse tipo de abordagem, o filme é usado como ferramenta de complementação de seminários ou como forma de palestra; porém não se pode dizer que essa metodologia substitui o ensino completo dentro da sala de aula, dado que ele é um apenas um complemento de informações (ENGERT; SPENCER, 2009).

Normalmente, nessa abordagem, são usados documentários históricos e de eventos políticos responsáveis por delineiar a política mundial como por exemplo, o documentário *A névoa da Guerra* que trata sobre os eventos da Guerra Fria. Além dos documentários, uma outra ferramenta de estudo usada nessa abordagem são os filmes populares como o filme *JFK*, sobre o assassinato do presidente John F. Kennedy em Dallas, os quais são produzidos para fácil acesso e entretenimento com propósito de agradar ao público leigo, uma vez que não buscam fornecer informações históricas precisas mas sim apresentar os fatos históricos de forma mais direta. Entretanto, essas obras são acompanhadas de simbolismos e vieses políticos que as vezes são parciais e exagerados que, quando não tratados e analisados, se tornam prejudiciais ao estudo. Os autores afirmam que os filmes de eventos são melhor representados quando estão inseridos em um quadro analítico ou teórico, visto que essa é a melhor forma de se manter a parcialidade diante aos eventos abordados durante a obra (ENGERT; SPENCER, 2009, p. 89-90).

Partindo do caso da primeira abordagem, os autores discorrem sobre a segunda abordagem com uso de ficções como alternativa de estudo, sendo esses filmes que não citam ou mostram diretamente algum evento histórico, mas que trazem uma análise mais profunda sobre eventos e questões de importância para as Relações Internacionais, como, o dilema de segurança, corrida armamentista, genocídio, questões de dissuasão e de terrorismo. Alguns filmes apresentam dois ou mais temas relevantes, como a obra *Diamante de Sangue*, que retrata a discussão de novas guerras e a eficácia de novas formas de governança; além das obras *Star Trek IX; Hotel Ruanda*; e *Os gritos do silêncio*, que aborda genocídio e o deslocamento forçado; e o filme *Sabotagem*, um dos primeiros filmes que abordaram o tema de terrorismo, que é um assunto de extrema importância para a sociedade estadunidense (ENGERT; SPENCER, 2009, p. 90).

Porém, a problemática em relação a abordagens de eventos por meio de documentários ou de filmes de ficções, é que os estudantes podem vir a considerar esses como versões definitivas de um acontecimento (principalmente os documentários) e não como uma perspectiva de individuo ou grupo. Por mais que o documentário venha a ser extremamente aclamado pela crítica ou se apresente uma representação perfeita da realidade, todos os documentários tendem

a abordar suas histórias de forma subjetiva e simplificada. Com isso, os estudantes tendem apenas em assistir ao filme e perdem a habilidade crítica diante dos fatos apresentados (ENGERT; SPENCER, 2009, p. 90).

A narrativa cultural do eu é a terceira abordagem apresentada. Autores como Gregg (1988) e Kuzma e Haney (2001) alegam que os filmes elaboram representações plausíveis sobre a realidade objetiva do mundo, posto que os filmes se tornam uma forma de fácil de acesso às histórias e temas da política mundial (ENGERT; SPENCER, 2009).

Porém, os filmes não devem ser considerados como uma crítica não problemática do mundo. Os próprios pós-estruturalistas acreditam que os filmes não representam uma observação direta da realidade ou um relato correto sobre a mesma, uma vez que essas obras podem ser interpretadas de formas subjetivas e estão sujeitas à análise pessoal do próprio criador. Mesmo que haja afirmações de neutralidade durante a produção de um filme, vários aspectos íntimos daquele que o dirige são manifestados, bem como seus embasamentos políticos, de classe social, gênero, etnia, entre outros. Assim, a narrativa do eu se baseia no estudo cultural e na análise e nas diversas interpretações de um determinado assunto (ENGERT; SPENCER, 2009, p. 91).

A problemática dessa abordagem é que não se sabe se a perspectiva que a história aborda representa algum grupo político, étnico, cultural e social ou é apenas uma reprodução extrema, exagerada e individual sobre o assunto. Considerar como um filme é recebido pelo público ajuda a compreender melhor o seu contexto sociocultural; a maioria dos filmes consegue se conectar emocionalmente com o seu público ao refletir assuntos culturais ou de significados históricos; assim, pode-se notar que quanto mais um filme aborda aspectos que representam um grupo sociocultural ou algum tema que seja relevante para a sociedade, mais ele se conecta emocionalmente com o telespectador e, consequentemente, ele tende a ser um maior sucesso de bilheteria (ENGERT; SPENCER, 2009).

Os autores esboçaram uma quarta modalidade de estudo do cinema nas Relações Internacionais. Essa abordagem foi introduzida por Cynthia Weber (2001-2005), a qual correlaciona o aspecto ilustrativo dos filmes a uma perspectiva crítica. Essa é uma teoria pós-moderna, que consiste nas diversas interpretações da realidade uma vez que as teorias pós-modernas adotam a ideia de múltiplas verdades (cf. Foucault, 2002 [1969] apud ENGERT; SPENCER, 2009). Weber afirma que, por mais que os filmes não tenham sido destinados a serem ferramentas de estudos nas Relações Internacionais, há correlação entre ambos, pois os filmes se configuram, de forma implícita ou não, como uma representação de como o mundo funciona. As teorias pós-modernas atribuem o papel central à linguagem pela qual o mundo é compreendido, por

meio de troca de atos de fala; essas teorias tendem a ser críticas em relação a apresentações objetivas e ao mesmo tempo excluem apresentações alternativas como falsas. Seu objetivo é dissipar discursos hegemônicos, expondo interações textuais e suposições ocultas por meio de relações de poder, método o qual é conhecido como desconstrução (DIEZ, 2006 apud ENGERT; SPENCER, 2009).

Ao utilizar dessa abordagem, a sua aplicação é realizada em um objeto de estudo menos evidente, ou seja, é necessário redirecionar a atenção para algo que esteja distante daquilo que se diz usual (ENGERT; SPENCER, 2009).

Mesmo que existam conceitos e formas do uso de mídias, como o cinema, para o estudo das Relações Internacionais, este, até então, não é uma ferramenta tão amplamente utilizada no campo. Entretanto, com o movimento da virada estética, pôde-se notar uma transfiguração no padrão de estudos sobre a política, fazendo com que os estudos não seguissem somente por meio de fontes teóricas, mas também por meio da análise das artes visuais, como o próprio cinema.

O autor Bleiker, em sua obra *Aesthetics and World Politics* (2009), aborda a virada estética na política mundial como diferentes formas de percepções estéticas, sendo estas, arte visuais, literatura, cinema e música, as quais permitem a ampliação da compreensão política, em que os próprios leitores e telespectadores possuem o compromisso de realizar seus próprios julgamentos e se responsabilizar por estes. No entanto, as perspectivas tomadas pelos espectadores não substituem a necessidade de uma investigação científica e social.

Para o autor, a estética, política e ética estão de certa forma interligadas, porém, isso não significa que a estética esteja sempre incontestável ou acompanhada de boas causas, uma vez que todas as abordagens ou oposições políticas trazem em seu reflexo a estética. É perceptível que existem, então, diferenças entre o objeto em si e sua representação e é exatamente esse espaço que configura o campo da política (BLEIKER, 2009).

Partindo do pressuposto do uso de filmes como objeto de estudo no campo das Relações Internacionais, seguiremos a segunda abordagem elencada por Engert e Spencer (2009), analisando a obra de ficção *Clube da luta* (1999). O filme em questão aborda temas políticos e culturais e psicológicos que problematizam a sociedade de consumo contemporânea e sua busca por um padrão de vida inalcançável, além de apontar algumas relevantes consequências psicológicas e comportamentais, individuais e coletivas, provocadas por ela.

Todavia, antes disso, é necessário analisar as origens e evolução da sociedade de consumo contemporânea a partir da emergência do chamado *American Way of Life* na década de 1920.

3. A CONSTRUÇÃO DO *AMERICAN WAY OF LIFE* NA SOCIEDADE NORTE-AMERICANA

3.1. O *American Way of Life* no período entreguerras

Foram anos difíceis durante a Primeira Guerra Mundial e então após sua vitória, os Estados Unidos finalmente puderam respirar aliviados novamente. O tempo agora era outro, o otimismo e progresso tomavam conta de um país que se tornara modelo em superioridade tecnológica (MAGALHÃES, 2021).

Uma nova sociedade emerge à velocidade das máquinas que agilizam a vida quotidiana, à imagem das aspirações de liberdade, irreverência e extravagância, que rompem espartilhos e aliviam silhuetas, e ao ritmo de charlestons e foxtrots, que animam as noites longas e frenéticas de uma década vivida em modo acelerado (MAGALHÃES, 2021, p. 10).

Os anos de 1920, conhecido como *Roaring Twenties*, foram anos marcados por mudanças significativas; conquistar uma casa nova, automóveis, roupas elegantes, eletrodomésticos etc, se tornará realidade na sociedade americana naquele momento. Houve expansão da indústria do setor elétrico e ferroviário, e no campo da cultura, sucederam- se mudanças no cinema, na arquitetura e na música (MAGALHÃES, 2021).

A economia se mostrava aberta para inúmeras possibilidades, empresas passam a investir na bolsa, a produção de bens de consumo duráveis aumenta, o mercado de crédito oferta créditos com mais facilidades, há aumento na produção automotiva, popularização das vendas a prazo e, consequentemente, aumento no poder de compra (MAGALHÃES, 2021).

Dessa forma, um novo estilo de vida surgia, conhecido como *American Way of Life*, conceito que traz consigo formas de relações interpessoais e representações de imagens baseadas em conforto, novos ideais de liberdade de escolha, moda impulsionada por meios de comunicação como revistas, televisão, cinema e jornais, começando a tomar conta de uma sociedade eufórica dos anos de 1920.

São tempos de consumo desenfreado, apesar da instabilidade econômica, agitados pelo mercado crescente de automóveis, importante símbolo da aceleração dos dias, eletrodomésticos, que ao facilitar o trabalho doméstico promovem o descanso e o bem-estar, viagens de lazer e turismo, estimuladas pelo desenvolvimento dos transportes, e espaços de entretenimento, com dias e noites que se querem livres de preocupações. O cinema vive a sua primeira época dourada, com a explosão da indústria americana e dos seus artistas, transformados em estrelas à escala mundial (MAGALHÃES, 2021, p. 10).

O autor Kerryn Higgs, discorre em seu artigo *A Brief History of Consumer Culture* (2021), a visão de alguns especialistas de mercado, como Edward Bernays, especialista em relações públicas a respeito do consumo em massa, ele afirma que a grande produção só é lucrativa e deve ser mantida se houver uma demanda correspondente ou até mesmo maior que a própria produção. E, para que isso ocorra, a publicidade e a propaganda devem se manter constantes diante do público; assim, pessoas que raramente obtinham bens duráveis poderiam ser educadas às novas habilidades de consumo, uma vez que novas necessidades poderiam ser criadas através da publicidade e propaganda e, consequentemente incentivar a demanda.

O economista e político Joseph Schumpeter caracteriza o capitalismo como “destruição criativa”, ou seja, algo que nunca pode estar estagnado, e o que o mantém em movimento é o consumidor. O consumidor é visto como parte de um progresso, ou um meio de aumentar o crescimento econômico. Um progresso que se trata da substituição de coisas antigas por novas, cria a ideia de que para atender às necessidades geradas, é necessário algo novo (HIGGS, 2021).

Não obstante, aquilo que poderia ser um sonho de vida americano fora interrompido por uma grande crise. A crise de 1929, também conhecida como *A Grande Depressão*, foi marcada por grandes dívidas; bancos realizavam empréstimos arriscados de todos os tipos; havia acordos de pagamentos parcelados; a produção anual de automóveis passará de 1,9 milhões de veículos em 1919 para 5,6 milhões em 1929; houve expansão do petróleo e da borracha além de boom nas áreas de construção civil (GAZIER, 2013).

Os bancos, portanto, revisam seus contracheques, restringem seus investimentos, exigem novas garantias etc., a fim de restaurar sua liquidez comprometida pela baixa de seus bens. A reação do público se manifesta em entesouramento, levantamento acelerado de fundos, corrida em direção à liquidez. Com isso, estabelecimentos sadios se vêem comprometidos, e o círculo vicioso da perda de confiança e da bancarrota é criado (GAZIER, 2013, p.24, tradução nossa).

Com isso, várias empresas fecharam e a taxa de desemprego aumentou bruscamente. Naquele momento, a população se via vulnerável, incapaz de pagar seus próprios aluguéis e arcar com o consumo básico de suas famílias, reduzidas à espera das distribuições gratuitas de alimentos e agasalhos, levadas ao despejo e à mendicidade.

Desespero e esperança foram às palavras usadas pelo autor Frederico Mazzucchelli ao se referir a grande crise que assombrava os Estados Unidos nos anos de 1929 em seu livro *Os anos de Chumbo* (2009) e a única esperança para uma nação que carregava o fardo do desemprego foi a vitória à presidência de Franklin Delano Roosevelt, consagrada com quase 60% dos votos.

Em 1933, Roosevelt iniciou seu mandato sem planos ou programas previamente estabelecidos, mas mantinha a disposição de enfrentar todos os problemas que envolviam aqueles mais afetados pela crise; seu lema de governo era “Ação e ação agora”. Deste modo, empenhou-se no seu plano de governo conhecido como New Deal que, mesmo sem ser baseado em outras doutrinas, foi se constituindo de forma intuitiva a partir medidas regulamentares a fim de minimizar e controlar a situação de crise (MAZZUCHELLI, 2009, p. 227-275).

Entre as medidas criadas estão medidas emergenciais de apoio à regulamentação do sistema bancário e financeiro, de apoio ao estímulo à agricultura e, principalmente, medidas de criação imediata de empregos. No entanto, mesmo com a criação de medidas, o plano *New Deal* trouxe uma recuperação econômica lenta, alcançando números significativos de recuperação apenas em 1939, dez anos depois e já no início da Segunda Guerra. E o mesmo ocorreu quanto ao desemprego, foi apenas em 1941-1944 quando houve aumento do PIB, que houveram reduções significantes em suas taxas (MAZZUCHELLI, 2009).

A intervenção do Estado é notória e se fez necessária para atingir os resultados propostos através do *New Deal*, pois o Estado ao se atentar ao bem-estar social ou *Welfare State*, que nada mais é do que medidas que buscam cuidar e garantir bem-estar para a população por meio de programas de investimento em saúde, educação, moradia etc, fez com que o desemprego caísse e a confiança da nação americana voltasse a se reerguer (MAZZUCHELLI, 2009).

Contudo, o autor discorre economicamente sobre os problemas enfrentados ao longo dos anos de governo Roosevelt, mas conclui que o *New Deal* representou grandes melhorias para a sociedade capitalista, que se encontrava colapsada em meio de uma crise. Os direitos empregatícios, implantação de um sistema de proteção social, apoio à agricultura, regulamentação do sistema financeiro, política de assistência aos necessitados foram grandes feitos do governo à época.

A perspectiva de nação grandiosa voltava a tomar conta dos holofotes e novas propagandas publicitárias mostram que não havia nada igual ao modo de vida americano, como apresentado no outdoor publicitário que estampava as ruas americanas no ano de 1937 (Figura 1).

A crise fora contida, mas, em 1939, uma Segunda Guerra Mundial eclodiu. Seu fim ocorreu em 1945, quando os Estados Unidos saíram vitoriosos e grande parte da Europa se encontrava destruída. A partir de então, uma nova ordem financeira, política, econômica e cultural poderia ser dirigida pela potência que se tornará exemplo de superioridade tecnológica.

Com o fim da guerra, os Estados Unidos se viram numa situação privilegiada, como a

Figura 1 – Outdoor veiculado nos EUA em 1937.



Fonte: <https://slideplayer.com/slide/15207302/92/images/4/Margaret+Bourke-White.jpg>

mais forte, coesa e próspera economia mundial. O governo americano coordenou um vasto plano de apoio para recuperar as economias capitalistas da Europa ocidental, já no contexto da Guerra Fria, concorrendo com o recém-ampliado bloco dos países socialistas. [...] O dólar americano se tornou a moeda padrão para as relações no mercado internacional, a ele se atribuindo uma consistência e estabilidade para que evitasse crises como as dos anos 20 e 30" (SEVCENKO, 2001, p. 25, apud CUNHA, 2017, p. 57).

Estimulada pelos anos de recessão causados pela Grande Depressão e pelo período de guerras, a cultura do consumo retomou a sociedade americana, e o conceito de *American Way of Life* se tornou amplamente difundido na cultura estadunidense. Meios de comunicação além das rádios, como as TV, bombardeavam os telespectadores com inúmeras publicidades de produtos e propostas de estilo de vida a serem seguidas por famílias que às assistiam dentro de suas próprias casas (HIGGS, 2021).

Higgs também cita o ponto de vista do especialista em relações públicas Vance Packard sobre o período pós-guerra, em que este descreve a TV como ferramenta poderosa de persuasão da década de 1950:

Eles querem dar um toque especial às suas mensagens, agitando nossa consciência de status... Muitos dos produtos que estão tentando vender eram, no passado, confinados a um 'mercado de qualidade.' Os produtos eram os luxos das classes altas. O jogo é volta-los às necessidades de todas as classes. Isso é feito apresentando os produtos para pessoas que não são da classe alta como símbolos de status de uma classe mais alta. Ao se esforçar para comprar o produto — digamos, carpetes de parede a parede a prazo — o consumidor é levado a sentir que está elevando seu status social (HIGGS, 2021, tradução nossa).

Os EUA se tornarão um modelo a ser seguido após a Segunda Guerra. O historiador francês Pierre Melandri aborda, em sua obra *História dos Estados Unidos desde 1865*, como o restante do mundo se sentia com as grandes conquistas advindas dessa grande potência. "[...] No período de 1945-1960, [...] todo mundo “ocidental” olhava com inveja o *American way of Life* cujo conforto e abundância concretizaram o sucesso da experiência nacional" (MELANDRI, 2006 p.147, apud CUNHA, 2017, p. 38).

Para assimilar o contexto social de transição pós-guerra e que levou ao modelo ideal de vida americana, é significativo entender as características da sociedade norte-americana, ou seja, compreender como o modelo ideal de vida foi abortado pela sociedade americana e porque os Estados Unidos se tornarão modelo para o restante do mundo.

3.2. O modo de ser americano e o modo de viver americano

We're all living in Amerika.
 Amerika ist wunderbar.
 We're all living in Amerika,
 Amerika, Amerika.
 We're all living in Amerika.
 Coca-Cola, sometimes war.
 We're all living in Amerika,
 Amerika, Amerika.

Acima podemos ver dois versos da música *Amerika*, interpretada pela banda alemã Rammstein, em 2015, na qual retrata a influência norte-americana sobre o restante do mundo. Visto que o próprio nome América se tornou um sinônimo de dominação cultural da atual hegemonia estadunidense, no videoclipe da canção, os integrantes da banda estão vestidos como astronautas americanos (Figura 2), referenciando a primeira nação a pisar na lua, e engrandecendo-se de tal ato através transmissão por televisores para o mundo todo.

Além disso, o videoclipe traz consigo imagens de uma nação promissora ao referenciar culturas nativas consumindo produtos norte-americanos, como ao que parece Masais com pizzas para viagem (Figura 4), monges budistas comendo hambúrgueres, (Figura 3) e um homem muçulmano tirando seus sapatos da marca Nike para rezar. A marca Coca-Cola também é citada na letra dessa canção. Por último, o videoclipe termina com um dos membros da banda apontando para a câmera e a mesma se afastando, mostrando assim, um set de filmagem, o que se assemelha a uma produção hollywoodiana, observando que o cinema americano é um grande

meio de comunicação de massas. Nesse movimento de apontar para a câmera, o mesmo faz a alusão a um dos símbolos de personificação nacional dos Estados Unidos, o tio Sam (Figura 5).

Figura 2 – Astronautas levantando a bandeira americana à lua



Fonte: Videoclipe Amerika (2015): <https://www.youtube.com/watch?v=Rr8ljRgcJNM>

Figura 3 – Monges comendo hambúrguer



Fonte: Videoclipe Amerika (2015): <https://www.youtube.com/watch?v=Rr8ljRgcJNM>

Figura 4 – Caixas de pizzas com o emblema da bandeira americana



Fonte: Videoclipe Amerika (2015): <https://www.youtube.com/watch?v=Rr8ljRgcJNM>

Figura 5 – Alegoria ao símbolo americano Tio Sam



Fonte: Videoclipe Amerika (2015): <https://www.youtube.com/watch?v=Rr8ljRgcJNM>

Visto por um olhar estrangeiro, como no exemplo acima, o modo de viver americano está presente no mundo todo. E para o pesquisador jordaniano Ali A. Shukair, em sua obra publicada em 1972 *The American way of Life*, afirma que a vida na América é uma das melhores, porém pode ser melhorada. Para o autor, as relações de trabalho e negócios, industrialismo e consumo marcaram os Estados Unidos como também a importância da comunicação da propaganda. Já quando se trata de relações sociais, a família, escola e religião se revelam importantes, porém, há certo risco de acomodação e alienação devido a falta de conhecimento do mundo. A conformidade se dá por medo de desaprovação, uma vez que a sociedade norte-americana se vê individualmente forte, porém, em sociedade necessita de amparo (CUNHA, 2017).

No que se diz a respeito do modo de “ser” americano, os Estados Unidos são uma nação composta por variedades de grupos de indivíduos; com isso, o antropólogo inglês Ashley Montagu faz uma análise sobre o povo norte-americano em sua obra *The American Way of Life* (1967) no qual o mesmo descreve o americano como um trabalhador que valoriza a produtividade, orgulhoso de si ao cumprir com todas as obrigações que lhe são propostas e que sempre está em busca da felicidade, sendo esta consentida em forma de bem-estar como saúde, dinheiro, filhos, um bom casamento, moradia dos sonhos etc. Sendo assim, por mais que o trabalho não seja sempre prazeroso ao indivíduo, é a ponte para se obter felicidade e prazer pessoal (CUNHA, 2017).

Entretanto, a expectativa de se obter felicidade e o medo de desaprovação dentro de uma sociedade que impõe padrões de vidas invejáveis para o resto do mundo impulsiona o indivíduo norte-americano a aumentar o consumo de bens; assim, o trabalho se torna uma forma de viabilizar o consumo, além de também trazer prestígio e respeito ao americano para progredir dentro da sociedade como um todo. Outro ponto importante para a conquista da admiração e notoriedade são as relações sociais em que escolas, igrejas, ambientes de trabalho, clubes, associações e afins são espaços propensos ao exercício coletivo de maturação de ideias e posições, como também são ótimos para exibição de conquistas e relações individuais (CUNHA, 2017).

Em suma, há valores enraizados na cultura norte-americana que dirigem o cidadão comum a um certo modo de viver, o qual é representado pela grandiosidade e um modelo estereotipado de família feliz e bem vestida passeando em seu próprio automóvel como apresentado anteriormente na (Figura 1).

O autor Bernard Iddings Bell, nascido nos Estados Unidos em 1886, faz uma análise crítica a respeito do comportamento, saúde e de aparência de um cidadão norte americano, ele afirma que, uma nação persuadida pela multiplicidade de bens materiais de alto custo, advindos da ganância e vaidade, acredita que só assim suas vidas valerão a pena (CUNHA, 2017). O que pode ser visto na (Figura 6).

Figura 6 – A prosperidade material da família norte-americana



Fonte: <https://revistacontinente.com.br/secoes/arquivo/marketing-e-tome-in-felicidade->

As mudanças sociais, políticas e econômicas no período entre-guerras originaram um modo de ser e viver baseado na busca interminável pela felicidade através de aquisições de bens materiais, o que consequentemente acarretou no crescimento de uma sociedade capitalista e consumista que se estende por todo o mundo contemporâneo no pós-Segunda Guerra Mundial.

O historiador Eric Hobsbawm aborda, em sua obra literária *A Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)* (1997), os "anos dourados" como um período em que os Estados Unidos dominam a economia global, com uma rápida taxa de crescimento na produção de alimentos capaz de superar até mesmo o crescimento populacional (HOBSBAWM, 1995).

De acordo com o autor, a Era de Ouro parecia ser apenas uma nova versão da economia já implantada nos Estados Unidos, porém que se empenhava em melhorar antigas tendências a fim de estabelecer um modelo de sociedade industrial capitalista expandindo seus novos tipos de produção que antes eram pautadas pelo fordismo. Assim, manteve como principal interesse as pesquisas e investimentos econômicos e tecnológicos, que resultaram em uma revolução tecnológica extremamente impressionante (HOBSBAWM, 1995).

Nesse período houve crescimento sem precedentes da economia global do comércio internacional da industrialização e da urbanização, ainda que frequentemente desastrosa em todos os continentes assim como o relevante crescimento populacional. Graças também a revolução verde e as inovações na medicina houve aumento na produção de alimentos e na expectativa de vida humana em escala global (HOBSBAWM, 1995).

Bens materiais e serviços antes disponíveis apenas para minorias passaram a ser produzidos em massa, além da ampliação dos setores de turismo e do aprimoramento de produtos já existentes; houve também aumento do acesso em massa a eletrodomésticos e eletroportáteis. Emergiu daí, crescentemente desde então a transformação dos seres humanos fundamentalmente em consumidores; sua capacidade de produção e consumo, portanto, define seu lugar, status e relevância na sociedade de consumo globalizada a partir de então (HOBSBAWM, 1995).

No entanto, o autor afirma que uma economia em constante crescimento, requereu considerável ampliação do consumo de recursos naturais e energia, sendo que neste período o petróleo, combustível fóssil, se converteu na principal fonte mundial de energia. A crescente urbanização, industrialização e consumo de energia, especialmente de matriz fóssil ampliou e acelerou sobre maneira a pegada humana sobre o meio ambiente, gerando um processo, considerável e perigoso, de sempre crescente poluição e deterioração ambiental (HOBSBAWM 1995). Esse processo desembocou, segundo a ciência e a visão global predominante, na contemporânea crise climática global, a qual, em última instância, pode ameaçar a continuidade da vida humana sobre o planeta Terra.

3.3. A sociedade contemporânea e o American Way of Life

Por que queremos um carro do ano se o carro que temos ainda funciona normalmente e atende a todas as nossas necessidades? Por que temos vários pares de sapatos se de fato usamos somente um por vez? Por que obter eletrodomésticos de última geração se com a correria do dia a dia não usufruímos de seus benefícios? Para que trocar seu celular que ainda desempenha todas as funções necessárias por um celular de última geração que desempenha as mesmas funções que o seu? A resposta poderia ser necessidade ou carência, mas, no mundo contemporâneo, são mínimos os consumos realizados a fim de atender às necessidades básicas de cada indivíduo.

O autor Colin Campbell aborda, em sua obra *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno* (2001) a passagem do hedonismo tradicional para o moderno, a partir do século XVII, em que discorre sobre a manifestação do consumo como uma hierarquia de necessidades

ou carências do indivíduo.

Um aspecto correlato da posição instintivista é a suposta existência de uma hierarquia de “necessidades e carências” na estrutura da motivação humana. As carências, sendo de base biológica, devem ser conhecidas antes que as “necessidades, menos básicas, possam ser experimentadas. Nessa concepção, nitidamente, a satisfação de determinadas “carências” imediatamente leva certas necessidades “de ordem mais alta” a existirem, as quais, quando conhecidas, são depois substituídas por outras ainda “mais altas” na hierarquia (CAMPBELL, 2001, p. 71).

Para o autor, na questão de hierarquias de desejo, é possível mostrar que o indivíduo é capaz de passar por cima dos seus próprios impulsos biológicos para atender a necessidade “mais alta”, capaz mesmo de passar por cima do amor e da própria auto-estima.

Campbell denomina o “manipulacionismo” como sendo a publicidade como responsável pela criação das necessidades, uma vez que os consumidores são “compelidos” a necessitar de produtos e serviços devido a ações de influências externas, o que, dessa forma, atribuiu ao consumidor um papel passivo enquanto que os produtores (publicitários e pesquisadores de mercado) continuem criando necessidades ilimitadas.

[...] tal perspectiva deriva do que foi chamado de modelo “hipodérmico” das influências dos meios de comunicação de massa, o qual implica que cada um dos meios de comunicação da sociedade moderna (tais como o cinema, a televisão e os jornais) funciona como uma agulha hipodérmica para injetar uma determinada mensagem em seu público (CAMPBELL, 2001, p. 71).

A proposta central do uso da publicidade é de manipular os consumidores a partir do momento que a mercadologia moderna busca pesquisar e estudar os desejos e anseios dos consumidores; assim, os próprios anunciantes são capazes de despertá-los através das mensagens produzidas na comercialização de seus próprios produtos (CAMPBELL, 2001).

Dessarte, na sociedade contemporânea, a busca por felicidade através da necessidade de consumo está crescendo cada vez mais. Devido às tecnologias revolucionárias, a sociedade tem acesso a informações de forma mais ampla e mais rápida, como, por exemplo, as redes sociais, nas quais são capazes de criar um domínio sobre o indivíduo que as utilizam ao transmitir mensagens e conteúdos sobre formas de ser e viver, de se vestir, a serem seguidos. Além de criar necessidades que antes não existiam por bens materiais cria-se uma ilusão de que este bem material irá fazer o indivíduo mais feliz, porém, nada mais é do que um círculo vicioso de consumo.

Com isso, temos o seguinte questionamento: Quando a busca por um padrão de vida ideal, pela felicidade, através do trabalho e dos bens de consumo, deixa de ser algo saudável ao

indivíduo e se torna perigoso para sua própria existência? Quais são as principais consequências, psicológicas e comportamentais, individuais e coletivas, do *American Way of Life*?

É a partir deste questionamento que se dará a análise do filme *Clube da luta* (1999), o qual aborda, de forma crítica, as insatisfações e frustrações de um trabalhador americano que busca preencher um vazio existencial por meio do consumo exacerbado de bens materiais que a mídia lhe impõe como necessários para sua sobrevivência e felicidade, bem como algumas de suas possíveis e nefastas consequências.

4. CLUBE DA LUTA E O *AMERICAN WAY OF LIFE* NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A obra cinematográfica *Clube da luta* (1999) é também uma obra literária escrita por um americano com descendência ucraniana Chuck Palahniukde em 1996, a qual foi adaptada para o universo cinematográfico, e dirigida por David Fincher, em 1999. Ao analisar o filme, contamos com um universo repleto de críticas à sociedade regida pelo consumismo e suas consequências. É uma obra que mergulha no universo ficcional e mistura sátira, horror, mistério, violência e desencanto (LING, 2022), além de reviravoltas que ninguém espera.

A história é narrada pelo próprio protagonista que, por não ter seu nome revelado entende-se como o narrador. A falta de nome dá a trama a intenção de um personagem comum e universal (LING, 2022). O protagonista é interpretado pelo ator Edward Norton, que desempenha um papel de funcionário de uma das maiores empresas de seguradoras de vida como analista de recall (medida realizada a fim de sanar os defeitos encontrados em produtos vendidos ou serviços prestados) (FINCHER, 1999).

O narrador é um norte-americano que levava uma vida pacata e se dedicava exclusivamente ao trabalho, um trabalho que, por mais que não seja prazeroso, se torna ponte para obtenção de felicidade e conforto, por lhe conceber a possibilidade de aquisição e satisfação com bens materiais. No entanto, ele sofre com problemas de insônia e conta com seis meses de noites mal dormidas, levando-lhe ao cansaço extremo e às vezes a distorção da realidade que percebia (FINCHER, 1999).

Mesmo com sua carreira sólida, o narrador se sentia frustrado e desmotivado com seu trabalho e com sua vida pessoal, sentia um vazio existencial. E uma das principais fontes de lazer que ele encontrou para preencher esse vazio foi por meio da obtenção de bens materiais, uma vez que ele se auto-intitula como “escravo do consumismo instintivo de produtos para casa”, pois tudo aquilo que via em catálogos de compras ele sentia necessidade de possuir (FINCHER, 1999).

Nesse ponto da obra, já é possível encontrarmos uma correlação do personagem com *American Way of Life* imposto pela sociedade norte-americana, uma vez que, ele é um homem norte-americano trabalhador que se encontra entregue a esse modelo de vida a partir do momento em que procura por sua felicidade através da multiplicidade de bens materiais representados por meio da publicidade, na convicção de que sua vida valerá em algo ou que preencherá seu vazio

existencial por meio do consumo.

Devido à sua insônia, o narrador consulta-se com um médico a fim de encontrar alguma solução para esse problema. Ele pede por medicação para auxiliá-lo a dormir; no entanto, o médico se recusa a lhe dar medicações e insiste que ele não está doente e que o que precisa é de descanso. Não contente, o narrador informa que está sofrendo muito com a falta de sono e o médico, inconformado, o encoraja a visitar grupos de apoio para que ele possa ver de perto o que realmente é sofrimento (FINCHER, 1999).

Assim sendo, o narrador passa a frequentar grupos de apoio, como alcoólicos anônimos, grupos de doenças terminais, doenças parasitárias, entre outros. Ao se deparar com o sofrimento alheio, ele percebe que quando as pessoas estão sofrendo, elas tendem a se tornar mais empáticas em relação aos outros. E em um desses grupos, ele conhece Bob, vítima de câncer nos testículos, que o acolhe, pressupondo que o mesmo sofria muito, visto que o narrador não dizia nada durante os debates do grupo, apenas observava os outros (FINCHER, 1999).

Ao se sentir acolhido, ele consegue encontrar uma forma de externalizar seus sentimentos, sendo esta por meio do choro, o que, consequentemente o ajuda a ter ótimas noites de sono. No entanto, num desses encontros, ele descobre que não é o único farsante, ao se deparar com Marla, interpretada pela atriz Helena Bonham Carter, que tem como passatempos frequentar os grupos tais cuja a busca do sofrimento para se sentir viva era a mesma que a dele. Assim, ao se deparar com a situação, os grupos deixam de ser seus remédios contra a insônia e a mesma volta a atormentá-lo (FINCHER, 1999).

Incrédulo com a situação e para que ambos não tenham seus planos afetados pela presença um do outro, estes optam por dividir entre si os grupos de apoio e terminam por trocarem telefones para caso seja necessária alguma mudança de planos de última hora (FINCHER, 1999).

Devido a seu trabalho, o narrador viaja pelo país a fim de analisar acidentes e detectar se é necessário ou não realizar *recalls*. Em meio a idas e vindas de viagens a trabalho, dormindo e acordando em diferentes lugares, ele conhece alguém que se sentou ao seu lado no avião de volta para casa, Tyler Durden, vivido pelo ator Brad Pitt, que se apresenta como um vendedor de sabonete, lhe entregando um cartão de visita, que o narrador guarda consigo (FINCHER, 1999).

A vida do narrador nunca mais é a mesma após conhecer Tyler Durden, ao começar pelo contratempo que o narrador enfrenta após pousarem do voo. A sua mala foi apreendida devido à suspeita de conduzir uma bomba. E durante a espera por averiguação e medo de perder a sua mala, o narrador fica apreensivo ao pensar que tudo que ele precisava se encontrava dentro daquela mala, e o que significa tudo são suas roupas, calçados e gravatas de grife. É notório

ver que o personagem se encontra mais abalado com a possibilidade de perder seus pertences materiais do que com a ameaça de uma possível bomba (FINCHER, 1999).

Ao retornar para o local onde morava, o narrador se depara com um incêndio oriundo da janela de seu apartamento e, naquele momento, ele percebe que todos seus pertences foram queimados. Sem saber para quem ligar, ele se dirige a um telefone público e liga para Tyler Durden, que não atende, mas retorna a ligação por saber quem estava ligando e, assim, decidem se encontrar em um bar (FINCHER, 1999).

Nesse momento de infelicidade vivido pelo narrador, Tyler tenta o consolar e se refere de forma sarcástica que, mesmo perdendo tudo que havia em seu apartamento, poderia ter sido pior. No entanto, o narrador se mostra bastante afetado pelas suas perdas materiais, dizendo o seguinte: “Eu tinha tudo. Tinha um aparelho de som legal. Um closet bem respeitável. Estava próximo de me sentir completo” (FINCHER, 1999).

Tyler o observa lamuriar suas perdas com desdém e lhe traz uma pergunta que os leva ao seguinte diálogo:

TYLER: Você sabe o que é um edredom?
 NARRADOR: Um acolchoado.
 TYLER: É um cobertor. Apenas um cobertor.
 TYLER: Por que cara como nós sabemos o que é um edredom?
 TYLER: É essencial para nossa sobrevivência?
 TYLER: Não.
 TYLER: O que somos, então?
 NARRADOR: Sei lá, consumistas?
 TYLER: Certo, somos consumistas.
 TYLER: Somos subprodutos de uma obsessão por um estilo de vida.
 TYLER: O que somos, então?
 TYLER: Assassinato, crime, pobreza. Essas coisas não me interessam.
 TYLER: O que me interessa são revistas de celebridade...
 TYLER: Televisão com 500 canais...
 TYLER: O nome de um cara na minha cueca
 TYLER: Rogaine, Viagra, Olestra.
 NARRADOR: Martha Stewart.
 TYLER: Que Martha Stewart, que nada.
 TYLER: Ela já era, já saiu de moda.
 TYLER: Então foda-se seu sofá de listras verdes.
 TYLER: Eu digo para nunca ser completo, pare de querer ser perfeito.
 TYLER: Vamos nos expandir.
 TYLER: Deixe a maré levar (*Clube da luta*, 1999, 00:29:32, tradução nossa).

Figura 7 – Diálogo entre narrador e Tyler Durden



Fonte: Clube da luta (1999).

Nesse momento o narrador se pega comovido pela fala de Tyler e começa a repensar seu modo de viver e ver a vida.

Outra correlação que podemos notar da obra com o *American Way of Life* se dá nas falas de Tyler ao afirmar que o indivíduo tem uma obsessão por um certo estilo de vida que se encontra estampado nos holofotes, como revistas e propagandas. Como citado anteriormente pelo autor Campbell (2001), o “manipulacionismo” é a publicidade que impulsiona a necessidade de produtos e serviços devido a ações de influências, o que acarreta, consequentemente, o consumo supérfluo. Tyler, ao dizer “nome de um homem na minha cueca”, faz referência a marcas famosas como Calvin Klein e Tommy Hilfiger, por exemplo, que são marcas de luxo dispensáveis para a sobrevivência, mas que se tornam necessidades de ordem alta, uma vez que, ao serem consumidas, trazem a sensação de grandiosidade, admiração, notoriedade e pertencimento a certos grupos sociais que buscam sempre manter um padrão de vida e moda.

Após deixarem o bar, Durden percebe que o narrador não tem lugar para ficar devido ao acidente que ocorreu com seu apartamento; sendo assim, o convida para passar alguns dias em sua casa até que o seguro consiga tomar conta de todo ocorrido. Mas antes de partirem para sua casa, Tyler sugere uma luta entre ambos e, mesmo depois de hesitar, o narrador lhe dá um soco e a partir daí uma luta como forma de catarse para ambos, acontece (FINCHER, 1999).

Ao analisar a personalidade de ambos personagens, é evidente que, ao contrário da figura

séria, trabalhadora e mediocre do narrador, Tyler era o que se podia chamar de anarquista e totalmente contrário ao estilo de vida a que o narrador estava acomodado.

Além de fabricar sabonetes com gordura humana descartada das clínicas de estéticas e vendê-los em lojas de departamentos frequentadas por madames ricas, Tyler sabia como produzir bombas caseiras adicionando alguns ingredientes a partir da produção desses sabonetes (FINCHER, 1999).

Ele também trabalhava como projecionista no cinema. Porém, diferente dos demais projecionistas, ao trocar as cenas de filmes de sessões frequentadas por famílias, o mesmo adicionava fotogramas pornográficos; tal feito passava tão rápido na tela que ninguém via direito o que se passara, mas todos sabiam que haviam visto algo ali. Tyler também trabalhava às vezes como garçom em um hotel luxuoso, no qual era capaz de ser considerado inimigo da higiene alimentar, devido ao fato de urinar nas sopas e sabotar outras comidas sem nenhum tipo de remorso (FINCHER, 1999).

Conhecendo assim um pouco mais de Tyler, ao se referir à sua casa, não se sabe se a mesma pertence a ele, mas pode se dizer que, diferentemente do apartamento luxuoso e confortável que o narrador estava acostumado, esta era uma verdadeira pociilga. O narrador a descreve da seguinte forma:

A maioria das janelas estavam fechadas com tábuas, não havia tranca na porta devido a polícia ou seja lá quem for ter arrombado. As escadas estavam para desabar [...] Nada funcionava. Se ligava uma lâmpada outra se apagava (Clube da luta. 1999. 00:36:39 - tradução nossa).

Figura 8 – Casa de Tyler Durden



Fonte: Clube da luta (1999).

Mesmo com personalidades características e modos de vida completamente opostos, ambos se tornam cada vez mais próximos e, juntos, constituem o que se chama de Clube da luta.

Após a primeira luta entre Tyler e o narrador, nota-se que o efeito de apanhar traz prazer e satisfação a ambos, o que se torna uma experiência revigorante. Assim, a luta física se torna uma solução sintomática de dor usada para aliviar a angústia do narrador, uma vez que este se sente frustrado por levar uma vida medíocre e sem propósito, enquanto que, para Tyler, é uma representação de poder, liberdade, liderança e coragem (MINERBO *et al.*, 2006).

Assim, o propósito principal do Clube da luta é levar a outros homens comuns a mesma sensação de poder e vitalidade que ambos sentem a partir da dor física. O clube aborda algumas regras acordadas pelo narrador e Tyler sendo essas:

- 1- Você não fala sobre o Clube da luta.
- 2- Você não fala sobre o Clube da luta.
- 3- Somente duas pessoas por luta.
- 4- Uma luta de cada vez.
- 5- Sem camisa, sem sapatos.
- 6- As lutas duram o tempo que for necessário.
- 7- Quando alguém gritar "para!", sinalizar ou desmaiá, a luta acaba.
- 8- Se for sua primeira noite no Clube da luta, você tem que lutar (*Clube da luta*, 1999. 00:43:02 - tradução nossa).

Em pouco tempo, o clube se torna um fenômeno, em que vários homens aderem à atividade proposta por ambos; a maioria destes são homens trabalhadores frustrados e desvitalizados que buscam por momentos de euforia e até mesmo uma realidade alternativa à própria vida (MINERBO *et al.*, 2006).

Além disso, o grupo busca valorizar a identidade daqueles que o frequentam ao apresentar a possibilidade de recuperação de egos perdidos, uma vez que, opor-se a um estilo de vida implantado pelo sistema e principalmente opor-se ao consumismo, e se entregar a dor física lhes causará o sentimento de liberdade e existência (MINERBO *et al.*, 2006).

Dia após dia, o narrador se molda a esse novo estilo de vida, tudo que antes lhe parecia importante para sua felicidade se torna dispensável. Antes de conhecer Tyler, ao se sentir deprimido ou com raiva, ele se reprimia limpando seu apartamento e polindo seus móveis de luxo. Agora, sua única preocupação passa a ser o clube. Aquele que antes se importava em estar bem vestido com roupas de luxo não está mais presente; a partir de agora, roupas amarrrotadas sem gravatas e com respingo de sangue de lutas passadas complementam seu *look*. Faltas frequentes do trabalho, cigarros tomam conta do seu dia, ele já não se importava mais com os olhares curiosos ou de julgamento que lhe acompanhavam. O pensamento que ele tinha já havia mudado: "[...] deveria estar perturbado pelas merdas que perdi no fogo. Mas não estava" (FINCHER, 1999).

É nítido que o narrador vai abandonando a vida que levava, a vida de riqueza material, de conforto, a moda com roupas de marca, a vaidade e o medo de não se encaixar no estilo de vida implantado pela sociedade é deixado para trás. Ele se encontrava totalmente entregue ao processo de autodestruição e cada vez mais próximo de Tyler e de seu estilo de vida, dado que Tyler acreditava que apenas quando se perde tudo é que se está livre para fazer qualquer coisa.

Percebe-se essa mudança drástica do narrador quando ele recebe uma ligação do seguro afirmando que o incêndio que ocorreu em seu apartamento foi criminoso. A princípio ele se sente confuso, pois até aquele momento da vida ele não manteve nenhum inimigo e muito menos seria capaz de atear fogo em suas próprias posses. No entanto, responde à ligação de forma cínica e ambígua; "Ninguém encara isso mais sério do que eu. Aquele apartamento era minha vida, certo? Eu amava cada móvel daquele lugar. Não foi só um monte de coisa que foi destruído. Fui eu" (FINCHER, 1999).

Não fora somente o apartamento que havia se destruído, mas também o antigo ser do narrador que deixará de existir.

Após várias semanas sem frequentar os grupos de apoio que antes frequentava, Marla

entrou em contato por telefone com o narrador questionando seu sumiço. Porém, sem dar muita atenção à ligação, ele a informa que encontrou um novo clube somente para homens e, assim, larga o telefone de lado, deixando-a conversando sozinha do outro lado da linha (FINCHER, 1999).

Marla diz ter ingerido uma grande quantidade de Xanax (remédio usado para tratamento de transtorno de ansiedade) e começa a descrever minuciosamente sua possível morte. Nesse meio tempo, Tyler pega o telefone, que se encontrava fora do gancho, atende e vai ao seu encontro no seu apartamento. Após salvá-la dos efeitos do medicamento, eles começam a ter um caso (FINCHER, 1999).

O caso entre Tyler e Marla aborrece o narrador, tendo em vista que ele aparenta ter sentimentos por Marla, mas agora prefere ignorá-la, já que esta se encontra com Tyler. Ao contrário do narrador, Tyler não sente nenhum tipo de afeto por Marla e, assim, pede ao narrador para que nunca fale sobre ele com Marla visto que ele e o narrador nunca permanecem presentes no mesmo ambiente juntos a Marla. Além disso, Tyler pede também para que ele se livre dela, por medo que ela venha a ser uma distração para os planos futuros do clube (FINCHER, 1999).

Por mais que as duas regras principais do clube seja não falar sobre o clube, o mesmo se torna um fenômeno; Tyler abre várias franquias do clube ao redor do país e agora havia um “pedaço” de Clube da luta por todo país. O clube se tornará algo muito além de alívio a frustrações diárias de homens entediados pelos seus trabalhos ou pela vida corriqueira; Durden ansiava por algo maior, um projeto que poderia mudar vidas, uma ideologia anticonsumista que sustentava que a partir do momento que os indivíduos se livrem das suas obrigações e dos seus valores na sociedade, estes podem ser livres e se dedicar àquilo que realmente lhes desse prazer sem medo de um julgamento (FINCHER, 1999).

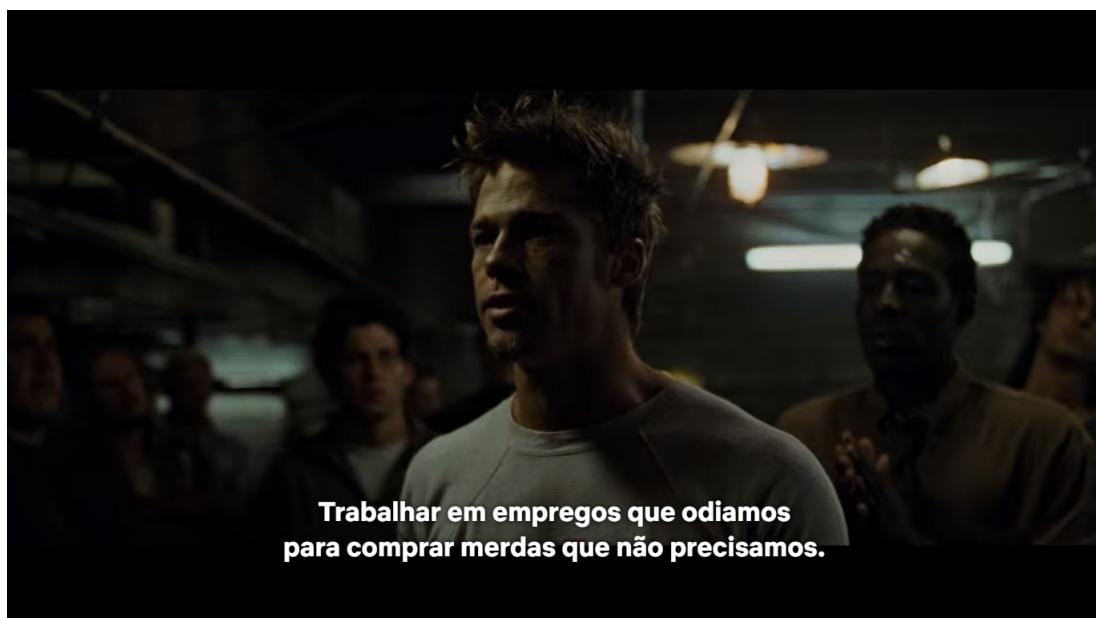
A partir dessa premissa, Tyler implanta o Projeto *Mayhem*, projeto de vasta dimensão que visa à destruição do capitalismo por meio de atos de vandalismo, incêndios, furtos e terrorismo direcionados a grandes marcas de empresas e corporações. O projeto contava com os membros mais fiéis do Clube da luta e tinha suas particularidades; nenhum indivíduo que fizesse parte do projeto seria reconhecido pelo seu nome, dando a sensação de que todos ali eram iguais, além de que, assim como o Clube da luta, também era proibido falar sobre o projeto (FINCHER, 1999).

Com isso, o projeto se alastra por todos os clubes espalhados no país e recruta uma legião de seguidores alienados à liderança e discurso libertário de Tyler:

Eu vejo aqui no Clube da luta os homens mais fortes e inteligentes do mundo. Vejo todo esse potencial desperdiçado. Que droga, uma geração inteira de frentistas ou

garçons. Escravos de colarinhos brancos. A propaganda põe a gente para correr atrás de carros e roupas, trabalhar em empregos que odiamos para comprar merdas que não precisamos. Somos uma geração sem peso na história. Sem propósito ou lugar. Não temos uma Guerra Mundial. Não temos a Grande Depressão. Nossa guerra é espiritual. Nossa grande depressão é nossas vidas. Fomos criados pela TV para acreditar que um dia seríamos bilionários...celebridades de cinema e estrelas do rock. Mas não somos. Ao poucos tomamos consciência do fato. E estamos muito, muito putos (FINCHER, David. *Clube da luta*, 1999. 01:09:50 - tradução nossa).

Figura 9 – Discurso de Tyler Durden



Fonte: Clube da luta (1999).

No entanto, os atentados tomam proporções com que o narrador não consegue lidar e, consequentemente, começa a discordar de Tyler e toda essa ideia de revolução. É como se ainda restasse um pouco de sensatez ao ver que o projeto poderia afetar toda a nação. Diante disso, após uma discussão entre os dois, que quase termina em um trágico acidente de carro, Tyler opta por ir embora da casa onde moravam enquanto o narrador dorme. Ao acordar, ele se depara com a casa tomada pelos membros e seguidores fieis de Tyler se preparando para os próximos passos do projeto *Mayhem* que Tyler deixará arquitetado antes de sua ida (FINCHER, 1999).

Com tentativas falhas de interromper o projeto, visto que ninguém lhe dava atenção, em um dos atentados realizados pelos soldados de Tyler, um deles e até então amigo do narrador, Bob, que ele havia conhecido em um grupo de apoio, e o que se ingressará no Clube da luta, havia sido baleado e morto (FINCHER, 1999).

Em meio ao ocorrido, para o narrador era indiscutível que o projeto precisava acabar antes que mais pessoas inocentes se machucassem (FINCHER, 1999).

Sendo assim, o narrador começa a rodar o país em busca de clubes fundados por Tyler na esperança de encontrá-lo, mas tudo que encontra são seus súditos omitindo informações sobre o projeto. Durante essas viagens, o narrador sente viver num estado constante de déjà vu, era como se já estivesse passado por todos os lugares que Tyler estivera. Até que um dia, ao entrar em um bar, um membro do clube decide falar com ele:

MEMBRO: Bem-vindo de volta senhor. Como tem estado?
 NARRADOR: Você me conhece?
 MEMBRO: Está me testando senhor?
 NARRADOR: Não, não é um teste.
 MEMBRO: Esteve aqui na quinta-feira passada.
 NARRADOR: Quinta?
 MEMBRO: Estava exatamente aí, perguntando sobre a segurança.
 MEMBRO: É completamente hermética, senhor.
 NARRADOR: Quem você pensa que eu sou?
 MEMBRO: Tem certeza que não é um teste, senhor?
 NARRADOR: Não, não é um teste.
 MEMBRO: É o Sr. Durden (*Clube da luta*, 1999. 01:50:54 - tradução nossa).

Atordoado com o que acabara de ouvir, o narrador volta para o hotel em que se hospedava e liga para Marla; ao questionar se os dois estavam vivendo um caso, a mesma se sente confusa e nervosa, mas afirma que sim e completa lhe chamando de Tyler Durden. Ao desligar o telefone se sentindo perplexo, ele olha pra frente e dá de cara com Tyler sentado numa poltrona no seu quarto e diz o seguinte:

TYLER: Você quebrou sua promessa, você falou com ela sobre mim.
 NARRADOR: Responda, por que pensam que sou você?
 TYLER: Acho que você sabe.
 NARRADOR: Não, não sei.
 TYLER: Sabe, sim.
 TYLER: Por que iriam me confundir com você?
 NARRADOR: Eu não sei.
 TYLER: É isso ai.
 NARRADOR: Não..
 TYLER: Diga
 NARRADOR: Porque...
 TYLER: Diga
 NARRADOR: Porque nós somos a mesma pessoa.

TYLER: Isso mesmo.

NARRADOR: Não entendo.

TYLER: Você queria um jeito de mudar sua vida, não podia conseguir sozinho. Tudo que você quis ser... sou eu (*Clube da luta*, 1999. 01:52:27 - tradução nossa).

Mesmo perplexo com a grande descoberta que fizera de que Tyler é uma criação sua, o narrador corre contra o tempo para impedir o Projeto *Mayhem* de concluir seu grande feito que Tyler, ou melhor, ele mesmo, ansiava desde sua criação, que era a explosão dos grandes prédios empresariais de cartão de crédito para que todos os registros de débitos sejam apagados e, consequentemente, zerados, gerando um caos financeiro (FINCHER, 1999).

O narrador procura por Marla e pede que a mesma saia da cidade; ela, sem entender, hesita mas aceita o que lhe foi pedido. Após isso, ele procura pela polícia para explicar o plano terrível que estava em ação, mas, o exército de Tyler havia criado várias raízes e se encontravam em todos os lugares, e até mesmo os policiais eram seus seguidores e já participavam do Projeto *Mayhem* (FINCHER, 1999).

A única forma de deter Tyler era detendo a si mesmo. O narrador encontra-se com Tyler em um dos prédios que faziam parte do projeto de destruição e que concede uma vista privilegiada às explosões que estão por vir. Através de uma luta corporal consigo mesmo, o narrador entende que a personalidade de Tyler é mais forte e ágil do que ele, e para que ele possa sobreviver, precisava estar no controle de sua própria mente. Então, o narrador pega a arma que Tyler segurava, manifestando seu controle e ameça se matar, o que faz Tyler se sentir intimidado e com medo (FINCHER, 1999).

Mas antes de puxar o gatilho, o narrador posiciona a arma na boca de forma que o tiro não o leve a morte; e assim puxa o gatilho. Contudo, o simples movimento de puxar o gatilho mata Tyler Dunder e deixa o narrador ferido (FINCHER, 1999).

Pouco depois do ocorrido, Marla chega ao local escoltada pelos membros do Projeto *Mayhem*, uma vez que Tyler mandou prendê-la, visto estar preocupado com a possibilidade de ela arruinar seus planos. Entretanto, Marla se demonstra assustada e confusa com toda a situação em que o narrador se encontra. O mesmo pede desculpas por ela estar vivenciando tudo aquilo e diz tê-la conhecido em uma época complicada da vida (FINCHER, 1999).

Assim, o filme se encerra com ambos de mãos dadas assistindo às explosões dos prédios que cuja destruição Tyler planejou e o narrador não conseguiu impedir, mesmo ambos sendo faces de uma mesma pessoa (FINCHER, 1999).

Figura 10 – Explosão dos prédios corporativos



Fonte: Clube da luta (1999).

4.1. Clube da luta: algumas das consequências da sociedade de consumo contemporânea

Ao longo da trama, acompanhamos um homem moderno e sua busca desenfreada de preenchimento do vazio, que se torna vítima de um estilo de vida que impõe o consumo de bens materiais como a maior fonte de felicidade e poder.

O psicanalista Donald Woods Winnicott aborda o conceito do falso *self* que se trata da impossibilidade de se sentir vivo e real, o que pode acarretar no sofrimento do indivíduo no ponto de vista winnicottiano. A maioria desses casos estão presentes em indivíduos que levam vidas normais, possuem sucesso profissional e boa capacidade intelectual, porém trazem queixas de sensações de irrealdade da vida e constante vazio existencial (CAMARGO; VAISBERG, 2009).

Bauman, um sociólogo polonês, discorre sobre a sociedade líquido moderna, na qual assinala que antigos problemas sociais, como a violência e a própria desigualdade, vem se agravando cada vez mais na sociedade contemporânea. Assim como também aponta que o processo de globalização traz consigo vários desafios, como o medo líquido e o amor líquido, que tem como marca a fragilidade dos vínculos afetivos. Para Bauman, a sociedade voltada para um estilo de vida consumista dominante tende a tratar os indivíduos como objetos de consumo e julgá-los a partir dos padrões desses objetos, pelo prazer que estes oferecem e em termos

de valores monetários, transformando, assim, as pessoas em mercadorias. Sendo assim, o ser humano passa a se manter como mercadoria atualizada e vendável que busca adequar-se a um perfil economicamente viável e desejável, mesmo com um mercado de alta exigência e bastante mutável (CAMARGO; VAISBERG, 2009).

Mesmo com um emprego estável, um apartamento desejável em uma vizinhança invejável e com poder de compra para um consumo desenfreado, o protagonista ainda se sente em constante vazio existencial. E é a partir dessa busca desenfreada por uma identidade, authenticidade e significado de vida que o mesmo desencadeia um quadro clínico-psiquiátrico de Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) no momento em que ele cria Tyler Durden, sendo este uma personificação de tudo que desejava ser: autoconfiante, destemido e principalmente capaz de romper com todas as normas sociais que não conseguia com sua vida pacata (MATHEUS, 2023).

Para o psicanalista Winnicott, o indivíduo cria uma crença de que a posse de objetos pode suprir a sensação de vazio, criando uma sensação passageira de existência, pois, no exato momento em que passa a possuir o objeto, a pessoa percebe que está viva, o que, segundo o conceito winniciotiano, pode ser compreendido como uma estratégia de sobrevivência, resultante de processos de submissão (CAMARGO; VAISBERG, 2009).

Em vista disso, é indiscutível que o uso da obra cinematográfica Clube da luta pode contribuir para a análise crítica da estrutura e de consequências, humanas, psicológicas, individuais e coletivas da moderna sociedade de consumo. Com ela, podemos investigar visualmente o estilo de vida, *American Way Of Life*, implantado pelos Estados Unidos durante o período entre-guerras e que se encontra presente difundido e solidificado na sociedade internacional.

O filme é uma representação de críticas ao consumo desenfreado, no qual os indivíduos são definidos por seus pertences materiais, padrões de vidas impostos como necessários para alcançar a felicidade e sua conformidade com as normas da sociedade, expondo algumas das consequências psicológicas e comportamentais possíveis causadas através da alienação do personagem em relação a essa cultura e estilo de vida superficial além da insatisfação generalizada com a sociedade de consumo (MATHEUS, 2023).

Vivemos em uma sociedade com maior acesso à informação devido ao avanço tecnológico, a publicidade repassada por esses meios de comunicação se torna fonte de desejos e tentações irrecusáveis, ocasionando o consumo desenfreado e inconsciente.

Tendo em vista que, a sociedade moderna é composta por indivíduos inseguros de si, que o que vale é o que se tem e não o que se é, estes tendem a se comparar com estilos de

vida idealizados em redes sociais que na maioria das vezes, são padrões inalcançáveis. E a frustração que o indivíduo carrega ao não conseguir seguir esses padrões implantados pela própria sociedade acarreta em danos psicológicos como quadros depressivos ou até levá-lo à própria miséria devido a endividamento, dentre outros.

4.2. Clube da luta: o cinema como objeto de estudo das Relações Internacionais

Como abordado anteriormente por Ranciere (2010), a arte pode sim se sobrepor a política e ser política mesmo que ambas estejam em domínios separados. A arte cinematográfica, em especial, é uma forma de retratar em imagens, sons e narrativas concatenadas aspectos tanto positivos quanto negativos de uma realidade, concreta ou fictícia, ou de um tema. Seu uso se dá através de documentários representando fatos históricos de uma forma mais direta; através de filmes populares que carregam um recorte político, histórico ou cultural; e filmes de ficção que, extrapolando a partir do real produzem universos e eventos, verossímeis ou não, que frequentemente problematizam futuros utópicos ou distópicos das sociedades humanas.

Com isso, mesmo que os livros e artigos ainda sejam as principais fontes teóricas de estudos dentro do campo das Relações Internacionais, a prática do uso de filmes para o estudo e análise de temas internacionais vem ganhando espaço nas salas de aula. Como se refere o autor Eiiti Sato ao citar um ditado popular, “uma boa imagem fala mais do que mil palavras” (SATO, 2016, p. 24).

E é exatamente isso que os autores retratam ao apontarem o cinema como objeto de estudo. Enquanto a teoria procura identificar padrões e fatos gerais, o cinema interpreta a individualidade de um evento ou assunto, proporcionando contato, sensações e impressões aos mais diversos telespectadores. Além do mais, tal uso do cinema como ferramenta contribui para que ensino dentro de sala de aula evite se tornar entediante e desinteressante; as obras cinematográficas podem aumentar o entretenimento e o interesse dos alunos em aprender sobre um novo assunto.

Dessa forma, a obra cinematográfica *Clube da luta* (1999) pode ser usada como ferramenta de estudo e pesquisa em disciplinas históricas, sociológicas e teóricas para se ilustrar, explorar e problematizar o *American Way Of Life* e sua expansão mundial no pós-Segunda Guerra Mundial na forma de sociedade de consumo contemporânea, permitindo, particularmente, a exploração e problematização de algumas de suas principais consequências psico-sociais e perturbadoras em termos individuais e coletivos.

Mesmo fora da sala de aula, a obra traz reflexões sobre nosso próprio ser contemporâneo e a forma como vivemos nossas vidas como parte de uma engrenagem que pouco serve a existência humana na face desse planeta. pois, como diz Tyler Durden: “As coisas que você possui acabam possuindo você” (*Clube da luta*, 1999, 00:31:04 - tradução nossa).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do cinema como ferramenta de estudo nos fornece a narração de eventos culturais, políticos, econômicos e principalmente de fatos históricos dos quais não fazem mais parte do nosso cotidiano ou que fogem da nossa realidade. Os filmes detém o poder de transferir através das imagens e de grandes produções a clareza de eventos, que desperta às mais variadas emoções aos telespectadores, além de fornecer uma análise mais aprofundada do que a teoria oferece.

Com isso, o trabalho em questão buscou abordar algumas as principais consequências psicológicas e comportamentais, individuais e coletivas, provocadas pelo *American Way of Life*, processo social, econômico e cultural, estruturante da sociedade contemporânea, através da análise da obra cinematográfica *Clube da luta* (1999).

Sendo assim, no primeiro capítulo, foram abordadas diversos autores e suas análises a respeito do uso do cinema como ferramenta de pesquisa e estudo, e, assim, analisamos que o uso dessa ferramenta proporciona a compreensão de um fenômeno, evento e realidade, concreta ou fictícia por diversos ângulos de interesse e visão, ou seja, os filmes podem ser interpretados a partir de distintos critérios e olhares, e vários desses se referenciam em dimensões tais como classe social, cultural, política, época histórica, geográfica etc, em que estão inseridos, como também às próprias perspectivas de seus criadores.

No segundo capítulo, a análise principal se dirige ao fenômeno do *American Way of Life* originado na década de 1920 e como ele se propagou na sociedade internacional até os dias atuais.

A representação de uma sociedade estruturada por uma máquina de produção e consumo aparentemente ilimitados e do estilo de vida que a acompanha é abordado no terceiro capítulo, como análise do filme Clube da luta por meio do qual é possível correlacionar as críticas da estrutura capitalista e da sociedade consumista durante a trama, com o processo social e cultural derivado do *American Way of Life*, o qual resulta em consequências psicológicas, individuais e grupais, dissociativas explosivas e violentas na trama do filme ilustrando, num grau extremo, os efeitos psicológicos comportamentais e psiquiátricos típicos dos significados e direcionamento do nosso modo de viver contemporâneo: existimos para produzir e particularmente consumir, e através do consumo, a nossa vida deveria ganhar sentido, relevância, propósito e prazer. Todavia, infelizmente, nem nós como indivíduos e sociedade e nem nosso ambiente planetário encontraram satisfação, harmonia, ou realização nesse modo de vida, que já se provou cabalmente

nocivo e insustentável, do nível individual ao planetário.

Posto isto, como dito, o estudo do cinema pode retratar tópicos de extrema relevância para o campo das Relações Internacionais, uma vez que o uso de filmes e documentários pode possibilitar a compreensão mais rica e nuançada de importantes assuntos internacionais como, por exemplo, democracia, intolerância religiosa, racismo, xenofobia, terrorismo, as guerras, a crise ambiental, dentre outros.

Ademais, não são somente consequências psicológicas e sociais que a sociedade de consumo exacerbado acarreta; esse assunto é mais complexo e vai além, tendo outros eixos ou vetores de consequências, tais como as ambientais, abrindo margem para pesquisas futuras que os enfoquem.

6. REFERÊNCIAS

- BRASIL, Netflix. **O Poço explicado em detalhes que talvez você tenha perdido.** [S.l.], 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0fq5u7-ub6A>> Acesso em: 7 mar. 2024
- CAMARGO, Ana Carla Silvares Pompêo Arós; VAISBERG, Tânia Maria José Aiello. Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. **Psicologia: teoria e prática**, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000200002> Acesso em: 01 abr. 2024.
- CAMPBELL, Colin. **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- DA CUNHA, Paulo Roberto Ferreira. **American way of life**: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950. Dissertação (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESPM, 2017.
- DRUCKER, Claudia Pellegrini. **Estética**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC-SC, 2009.
- ENGERT, Stefan; SPENCER, Alexander. International Relations at the movies: Teaching and Learning about International Relations through film. **Perspectives**, v. 17, n. 1, 2009, p. 84-104.
- FINCHER, David. **Clube da luta**. Estados Unidos da América: 20th Century Fox, 1999, 1 DVD (135 min.).
- GAZIER, Bernard. **A crise de 1929**. Tradução: Júlia Da Rosa Simões, Porto Alegre: Le Livros, 2013.
- HIGGS, Kerryn. A Brief History of Consumer Culture. **The MIT Press Reader**, 2021. Disponível em: <<https://thereader.mitpress.mit.edu/a-brief-history-of-c>> Acesso em: 01 abr. 2024.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX 1914-1991. Tradução: Marcos Santarrita, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KELLNER, Douglas. **Cinema Wars**: Hollywood Film and Politics in the Bush-Cheney Era. Hoboken, NJ, USA: Wiley-Blackwell, 2010. v. 1.
- INSTITUTO LING. “Clube da luta”, um clássico da Cultura Pop que faz pensar com os punhos, 2022. Disponível em: <<https://institutoling.org.br/explore/clube-da-luta-um-classico-da-cultura-pop-que-faz-pensar-com-os-punhos>> Acesso em: 01 abr. 2024.
- MAGALHÃES, Paula Gomes. **Os Loucos Anos 20**: Diário da Lisboa boémia. Portugal:

Planeta, 2021.

MATHEUS, Marcos. Psicologia e Crítica Social: Análise de Clube da Luta aos 24 anos. **Cinema Desvendado**, 2023. Disponível em: <<https://cinemadesvendado.com/analise-de-clube-da-luta/>> Acesso em: 21 mar. 2024.

MAZZUCHELLI, Frederico. **Os Anos de Chumbo: Economia e Política Internacional no Entreuerras**. São Paulo: Unesp, 2009. p. 227–275.

MINERBO, Marion; BAKKER SILVEIRA, Carmen Soto de; ANTILA, Claudia Cristina Pereira Gomes; CELERI, Eloisa Helena Rubello Valler; PENNA, Ethel; HERRERA, Fábia Badotti Garcia; ALMEIDA, Maria Regina Viegas de; JUNIOR, Remo Rotella. O Clube da Luta: narcisismo, identificação e psicologia das massas. **Jornal de Psicanálise**, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100009>. Acesso em: 21 mar. 2024

NEVES JUNIOR, Edson José; ZANELLA, Cristine Koehler. **As Relações Internacionais e o Cinema**: Estados e Conflitos Internacionais. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2016. V. 2.

NEVES JUNIOR, Edson José ; ZANELLA, Cristine Koehler. O cinema e a extensão em relações internacionais: métodos, trajetórias e resultados. **Revista da Extensão: A Extensão vista de perto**, UFRGS, n. 13, out. 2016, p. 30–37.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: Estética e Política. Belo Horizonte: Editora 34, 2004.

SATO, Eiiti. Cinema, Literatura, Política. NEVES JÚNIOR Edson José; ZANELLA Cristine Koehler (Orgs.). **As Relações Internacionais e o Cinema**: Estado e Conflitos Internacionais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 15-30.

ŞENGÜL, Ali Fuat. **Cinema and representation in International Relations**: Hollywood Cinema and the Cold War. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Ancara: Middle East Technical University, 2005.